

No Sarah, ninguém fica sem estudar

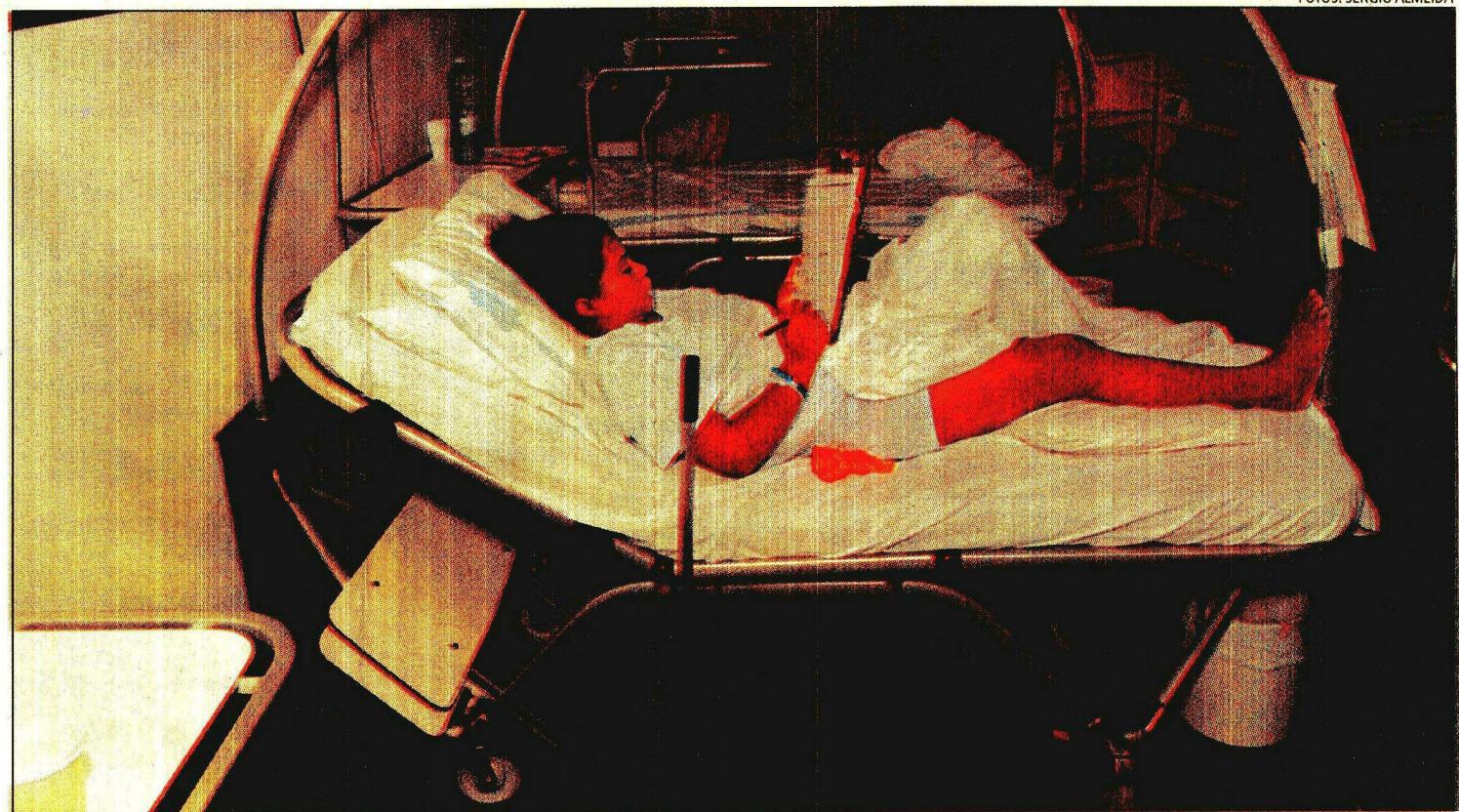
FOTOS: SÉRGIO ALMEIDA

Na pediatria do Hospital Sarah, ninguém fica sem estudar, quando, é claro, o estado do paciente permite. Diariamente, os professores fazem o acompanhamento escolar das crianças e adolescentes internados, tomam lições e até aplicam provas. É o próprio hospital que notifica a escola sobre o internamento do aluno e solicita o conteúdo para ser desenvolvido durante o período de internação. Além disso, são realizadas visitas às escolas para acompanhar o desempenho do paciente ou orientar melhor o professor de sala de aula.

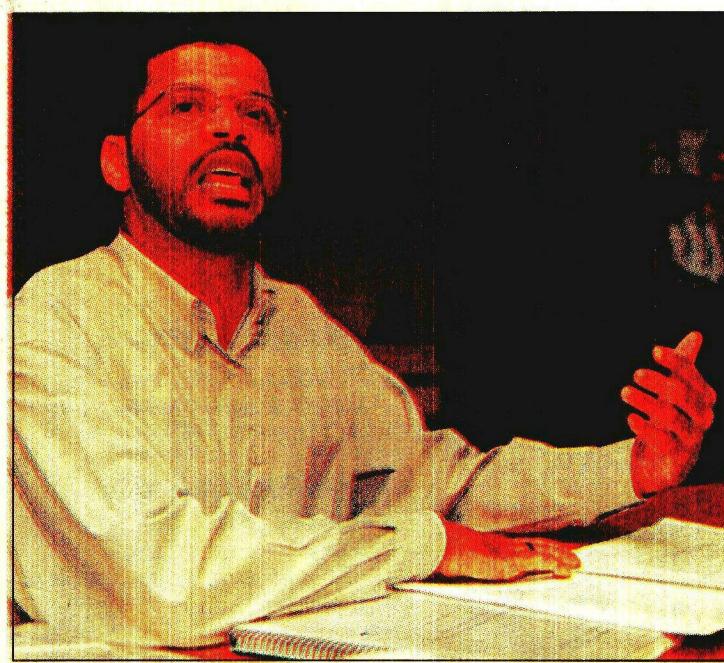
A estudante Lívia Graciele Vieira Barbosa, 14 anos, está internada desde agosto, mas, quando voltar para sua cidade no Estado de Mato Grosso, não perderá o ano escolar. "Aqui, elas ensinam do mesmo jeito que os professores do meu colégio", afirma.

Juliana da Silva Passos, 12 anos, está lá há dois meses. Foi fazer uma cirurgia no joelho, mas seu pai trouxe todo o conteúdo de sua escola para ser desenvolvido pelos professores hospitalares do Sarah. "Tem escola que envia até as provas para serem aplicadas aqui", conta a professora Ingrid Lapa.

Em Brasília, são promovidas reuniões periódicas com a Fundação Educacional para discussão de casos. "A gente acaba contribuindo, de uma forma ou de outra, com a permanência desse aluno na escola", resume Ingrid. A psicóloga Elizabeth Queiroz, que integra a equipe de psicopedagogia do Sarah de Brasília, explica que todo o trabalho de reabilitação desenvolvido busca o maior grau de independência possível do paciente para que ele possa ter uma inclusão social melhor. (A.S.)



PACIENTE acompanhando material de apostila: mesmo durante tratamento, aprendizado não fica em segundo plano



PAULO FRANÇA: importância está no trabalho conjunto

Professores confundem diagnóstico

A maioria dos professores de salas de aula desconhece os diagnósticos de seus alunos com distúrbios neuromotores, bem como o tratamento, por isso costumando apresentar dúvidas sobre a inteligência deles. É o que demonstrou a dissertação de mestrado que o professor hospitalar Paulo França, da Rede Sarah de São Luís (MA), defendeu recentemente na UnB sob a orientação da doutora Silviane Barbato, do Instituto de Psicologia. França realizou sua pesquisa a partir

dos atendimentos feitos por professores hospitalares do Hospital de São Luís. Ele observou que a maioria dos pacientes apresentava história de fracasso escolar. Para tanto, foi selecionada uma amostragem de sete pacientes portadores de distúrbios neuromotores, mas sem retardamento mental e matriculados em classes regulares, visando à investigação dos fatores que contribuíam para o fenômeno.

"O objetivo deste trabalho foi verificar como é cons-

truído o conhecimento dos professores escolares sobre o diagnóstico/tratamento e o processo de ensino-aprendizagem destas crianças", explica. A pesquisa acabou constatando que os professores não conseguiam diferenciar as dificuldades motoras das cognitivas, e admitiram ter dificuldades para lidar com a criança em sala de aula por causa da falta de formação.

Apesar das contradições observadas, Paulo França conta que houve uma uni-

midade entre os professores escolares sobre a compreensão de que o contato com o professor hospitalar media a construção do conhecimento. De acordo com os professores, esta relação contribui para a assimilação do processo ensino-aprendizagem. A tese do professor Paulo França mostra, portanto, a importância do trabalho conjunto hospital-escola, possibilitando o sucesso escolar desses alunos que possuem uma inteligência normal trancada numa incapacidade física. (A.S.)